

Título: Uma releitura do estatuto da criança e do adolescente

Professora: Marta de Moura Nunes Dias

Escola: Escola Municipal Professora Maria Lenkot Zeglin

Município/UF: Curitiba / PR

UMA RELEITURA DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

A experiência consistiu em escolher um mascote para a turma de educação infantil. Essa não é uma atividade desconhecida nessa etapa da educação básica, pois é um procedimento que integra família, aluno e escola. O que se procurou fazer foi, juntamente com esse projeto já conhecido, englobar os direitos da criança, considerando oito pontos considerados pertinentes à realidade em que os alunos estão inseridos. Através dessa proposta, foi possível conscientizar as crianças que elas possuem os seus direitos que devem ser respeitados, mas que também tem uma parte a cumprir. Com os devidos cuidados com o mascote escolhido e a responsabilidade que a criança, juntamente com sua família precisa



ter ao recebê-lo em sua casa mostra que ela também poderá identificar com clareza, respeitando os limites da sua idade, o momento em que seus próprios direitos estão sendo desrespeitados e ter firmeza para solicitar que sejam cumpridos. A primeira etapa, já concluída, foi de exposição e vivência, através de atividades, conversas e palestras sobre esses direitos. Utilizando o mascote como receptor desses direitos, as crianças compreenderam que cada uma delas também é alvo dos objetivos propostos no Estatuto da Criança e do Adolescente. A segunda etapa, iniciada no segundo

semestre consiste em dois momentos: no primeiro o mascote, agora portador reconhecido de todos os direitos contemplados na proposta, poderá visitar a casa de cada um dos alunos, recebendo os cuidados necessários, atendendo ao texto da carta compromisso que os próprios alunos propuseram e assinarão a cada visita, cientes de que está sobre eles a responsabilidade pelo mascote; em um segundo momento, será a segunda visita aonde ele irá acompanhado de um diário onde as famílias registrarão os acontecimentos e a criança poderá compartilhar com os colegas oralmente e logo depois, a leitura pela professora. Essas duas etapas já estão em andamento. O fechamento do projeto se dará em uma mostra de atividades proposta pela escola no final do ano, em que as crianças poderão compartilhar com os colegas de toda a escola o que aprenderam e conscientizá-los de que também são portadores dos mesmos direitos.

JUSTIFICATIVA

A turma em que o projeto foi aplicado é composta por vinte e cinco alunos e tem uma característica peculiar. A escola recebe alunos de um bairro vizinho, onde as vagas nas escolas são insuficientes. A Escola Municipal Professora Maria Lenkot Zeglin absorve esses

alunos que vem até a escola em um ônibus fretado pela prefeitura da cidade. As crianças moram entre quatro e sete quilômetros da escola. Na turma onde o projeto foi aplicado, dos vinte e cinco alunos, treze vem através desse ônibus, ou seja, mais de cinquenta por cento do total de alunos, isso dificulta o acesso dos pais à escola, então, sua presença não é muito freqüente. Outro aspecto é que, do total de alunos, grande maioria dos pais trabalham fora, exatamente no horário das aulas dos alunos, sendo quase impossível reunir esses pais com freqüência para tratar desse assunto tão importante que envolve a educação de seus filhos.

A participação dos pais, no entanto não é nula, se comunicam com os professores por meio de bilhetes nas agendas vistas diariamente e também se percebe a sua participação efetiva através das lições enviadas para casa em que as crianças recebem o auxílio de seus pais. Como é difícil explicar, por meio de bilhetes os conteúdos e práticas realizadas em sala, surgiu então essa idéia de levar o conteúdo até as famílias através da experiência de aprendizagem dos alunos, que relatam a seus pais, a documentação através de fotos e vídeos, que é o material disponível e também com a presença física do portador direto dessas vivências, o mascote. É uma forma de integrar os pais e envolvê-los nas atividades escolares, mesmo que não possam estar presente fisicamente na escola

OBJETIVOS DA EXPERIÊNCIA

- Integrar a família na realização das atividades escolares;
- Identificar os direitos básicos da criança;
- Desenvolver na criança a capacidade de perceber a violação de seus direitos e cobrar para que sejam respeitados;
- Socializar, de forma sintetizada e compreensível, alguns dos direitos presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente;
- Levar às famílias um conhecimento continuado das ações desenvolvidas em sala de aula;
- Conscientizar as crianças de que possuem seus direitos e que devem ser respeitados;
- Chamar a atenção das famílias para os direitos da criança;
- Desenvolver nos adultos que cuidam dessas crianças uma postura responsável frente aos direitos das mesmas;
- Desenvolver na criança a responsabilidade pelas tarefas que lhe são propostas, respeitando sua capacidade e nível de compreensão;
- Despertar na criança o desejo de voltar à escola no dia seguinte;
- Realizar atividades de reflexão e prática visando a uma maior autonomia dos alunos ao realizarem suas tarefas;
- Proporcionar às crianças momentos de aprendizagem, interação, exposição de suas ideias e diversão em sala de aula;

CONTEXTUALIZAÇÃO

A escola em que está sendo realizado o projeto é municipal (Escola Municipal Professora Maria Lenkot Zeglin), situada em um bairro afastado da parte central da cidade, aproximadamente 25 quilômetros. Sua estrutura é nova, tem apenas três anos e atende a uma comunidade constituída há dez anos. Possui quatro turmas de Educação Infantil, sendo duas pela manhã e duas à tarde, com 25 alunos em cada uma delas. As salas destinadas à Educação Infantil são específicas, com mobiliário apropriado, uma pia com torneira, espelho e porta para o pátio externo. A proposta pedagógica tem sua base nas diretrizes municipais para a Educação Infantil da cidade de Curitiba, o professor tem cursos continuados de aperfeiçoamento, troca entre docentes e semana pedagógica específica, sendo que esses cursos acontecem durante várias épocas do ano. A Escola também atende às séries iniciais do Ensino Fundamental. Possui biblioteca, onde um acervo está sendo formado, mas que já consegue atender à comunidade; uma cancha coberta está sendo terminada para a realização das atividades esportivas; um parquinho para as crianças menores; no almoxarifado destinado à Educação Infantil encontram-se alguns brinquedos e jogos que podem ser usados pelas

crianças; possui alguns materiais para a prática de educação física e um laboratório de informática.

Os alunos que frequentam a escola são, em sua maioria, classe baixa, sendo que grande parte deles está inscrita nos programas de ajuda do Governo (bolsa família, peti). A turma em que o projeto está sendo aplicado faz parte também dessa realidade, as crianças frequentam a Escola pela manhã e à tarde, ficam com parentes ou pessoas que as famílias contam para cuidar de seus filhos, pois a grande maioria trabalha fora e não tem a oportunidade de ficar com as crianças. A Escola tem também a peculiaridade de atender o bairro vizinho, ofertando vagas para as crianças que chegam até ela em um ônibus fretado pela Prefeitura da cidade, o que acaba gerando pouca frequência nas reuniões, bem como nas convocações individuais para tratar com os pais, devido à distância que os mesmos percorrem para chegar.

O bairro em questão não possui espaços destinados à cultura. O que se apresenta forte nessa região é somente o comércio: pequenas empresas que fornecem aos moradores a oportunidade para que atendam suas necessidades básicas. Outras necessidades, como banco e hipermercados, somente no bairro vizinho que está distante uns 12 quilômetros. Os alunos têm a oportunidade de, durante os finais de semana ir até o Colégio, onde funciona o Programa Comunidade Escola, cujo objetivo é mantê-la aberta também durante os finais de semana para que a comunidade possa participar de cursos diversos e também das atividades esportivas que acontecem regularmente.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A partir da percepção de que os alunos passavam por situações adversas, foi proposto um planejamento que visasse a sanar ou atenuar essas condições, com o objetivo de aumentar o interesse das crianças pela Escola e um gerar maior envolvimento da família com as atividades escolares, mesmo sem estar presente com frequência e fisicamente, almejando assim alcançar uma maior frequência e interesse pelas atividades escolares. Algumas dessas situações observadas foram:

O pensamento dos pais de que, por não haver uma obrigatoriedade de presença na Educação Infantil, não apresentavam problemas as faltas constantes;

A observação, no momento do lanche, de que as crianças rejeitavam comidas que tinha frutas, verduras e legumes em seus ingredientes e a preferência por lanches como pães, bolachas e bolos;

O fato das crianças não conhecerem o seu próprio sobrenome quando solicitado que o dissessem ou reconhecessem;

Algumas crianças sentiam um pouco de receio ao indicar a falta de algum membro da família que julgavam importante (pai, mãe, a falta de um irmão);

Em uma conversa informal sobre a casa em que moravam, algumas crianças se sentiram envergonhadas por não terem um quarto só para si ou por sua casa ser feita de um material diferente da dos colegas (mesmo aqueles que moravam em casas de madeira mudavam seu discurso ao ouvir dos colegas que a casa era de alvenaria);

A falta de conhecimento das crianças do significado do lazer, indicando que durante os finais de semana e feriados ficavam em casa ou assistiam TV;

A oportunidade de utilizar uma campanha de vacinação nacional para chamar a atenção às demais vacinas e verificar se as carteiras de vacinação estavam em dia;

A carência afetiva que as crianças apresentam por ficarem muito tempo longe das famílias. Depois de observados esses fatos, foram pegos oito pontos do Estatuto da Criança e do Adolescente simplificados de forma que as crianças pudessem entender e aplicados com a presença da mascote. O trabalho inicial foi, durante uma semana, as crianças brincarem livremente com alguns bonecos de pelúcia, denominado cantinho da mascote. Depois dessa semana em que houve o primeiro contato, o passo seguinte foi conversar sobre o significado da palavra mascote, algumas opiniões foram surgindo como a relação com “mascar”, ter alguma coisa a ver com bichinhos, e outras idéias. Depois dessa conversa, foi apresentado às

crianças um dicionário ilustrado, e explicado que o dicionário é um livro muito especial que nos conta todas as palavras que não conhecemos ou não sabemos o que significa. Depois de encontrar a palavra mascote foi lido o seu significado: “Mascote é uma pessoa, animal ou objeto que se acredita trazer sorte ou felicidade para as pessoas” (Caldas Aulete: dicionário escolar da Língua Portuguesa ilustrado com a turma do Sítio do Pica-pau Amarelo, pg. 299, 2005). Surgiu o questionamento: será que a nossa classe tem algo assim? As crianças perceberam que não, então, quando questionadas, disseram que poderiam ser um dos bichinhos da brincadeira da semana anterior. Eram sete os bichinhos e foi proposto então aos alunos que escolhessem apenas um, através de uma eleição poderiam escolher o preferido.

No início, as crianças ficaram preocupadas, pois havia poucos bichinhos, pensavam que cada criança deveria escolher um para si, mas após uma conversa, entenderam que a turma toda teria uma mascote e que aquele que recebesse mais votos seria o escolhido. Os votos eram tampinhas de garrafa pet e as urnas garrafas cortadas ao meio. Cada criança teve a oportunidade de escolher o bichinho que simpatizou mais e dar o seu voto, entendendo assim um pouco de exercício de cidadania. Dessa primeira eleição saíram dois candidatos que tiveram a diferença de um ponto, havendo assim a necessidade de um segundo turno. Votos nas mãos, urnas a postos, houve a segunda eleição e foi escolhido um cachorro verde com a maioria dos votos. Essas duas experiências foram demonstradas através de gráficos: na primeira, cada criança desenhou o candidato escolhido e foi feito um gráfico de barras, a representação dos candidatos foi através de desenhos feitos por um aluno e seus nomes escritos por uma aluna que já domina a linguagem escrita. Os outros colaram seus votos, ajudando a montar o gráfico. Na segunda, as tampinhas de garrafas (votos) foram coladas ao lado do desenho do candidato, também acompanhado de seu nome, ambos produzidos por alunos. Após as eleições, começou o envolvimento da família e também dos direitos da criança no projeto. Houve uma conversa com os alunos para chamar-lhes a atenção quanto a seus nomes e sobrenomes. Muitos não sabiam o sobrenome. A chamada foi feita pelo sobrenome e a criança deveria então levantar, mas muitas não conseguiram reconhecer. Foi conversado sobre a importância de se ter um nome e que o nosso sobrenome conta a nossa origem, que é importante. Foi mostrada para as crianças a música do Toquinho “Gente tem sobrenome”, trabalhou-se então a questão do nome e a existência do sobrenome. As crianças cantaram a música e a ilustraram através de dobraduras, desenhos com tinta guache e recorte e colagem. Quando perguntado sobre o lugar em que o nome está escrito, surgiu a necessidade de observar a certidão de nascimento. Cada criança trouxe uma fotocópia de sua certidão, conversamos sobre a importância do documento para podermos “existir” perante a lei, e podermos usufruir dos demais direitos que temos. Observou-se também as outras informações contidas no documento: cidade, data de nascimento, nome dos pais, dos avós, etc. Falou-se sobre o significado da palavra direito - “Um direito é algo que, por lei, deve ser possível a cada um e que podemos até mesmo exigir” (Caldas Aulete: dicionário escolar da Língua Portuguesa ilustrado com a turma do Sítio do Pica-pau Amarelo, pg. 160, 2005). As crianças tiveram contato, puderam manusear o Estatuto da Criança e do Adolescente, livro em que estão assegurados os direitos da criança e que seria utilizado durante todo projeto. Conheceram então o primeiro direito pontuado no projeto “TODA CRIANÇA TEM DIREITO A UM NOME E A UMA NACIONALIDADE”. Depois de lê-lo, consultaram o globo terrestre para um maior entendimento da palavra “nacionalidade”. Consultaram o desenho do mapa e chegaram à conclusão de que “quando chega à linha, acaba o País e começa outra nacionalidade”. A atividade foi cobrir o nome com cola colorida e colar sobre o mapa do Brasil. Essa folha faria parte do livro que fechará o projeto. Observou-se a necessidade de estender esse direito à mascote. Foi tirada uma foto com uma mensagem e cada criança levou para escolher, juntamente com a família, uma sugestão de nome. Foi o primeiro contato dos pais com a mascote e as crianças foram para casa muito entusiasmadas. No dia seguinte, foram trazidas dezoito sugestões. Como não havia a possibilidade dele ter todos aqueles nomes, foi proposta nova votação. Três nomes foram eleitos e seus autores contaram para os colegas a razão da escolha. A eleição final foi feita com uma cor para cada nome, cada um escolheu o seu

preferido e pintou uma parte do gráfico (setorial). Ainda faltava um sobrenome e outras informações que estão na certidão. As crianças se juntaram e com o auxílio da professora, fazendo o papel de escriba, redigiram coletivamente a certidão de nascimento da mascote. Agora ela era um cidadão: Fofinho Zeglin. Ao redigir a certidão, foi observado que o Fofinho precisava do nome do seu pai e sua mãe no documento. As crianças escolheram os nomes e entre si decidiram que os pais dele estão viajando e por isso a turma tem a responsabilidade de cuidá-lo. Cada um fez o desenho de como imaginava a família da mascote. Resolveu-se assim a questão dela estar sozinha. Cada criança falou então sobre a sua família, contemplando o segundo direito escolhido “TODA CRIANÇA TEM DIREITO DE FAZER PARTE DE UMA FAMÍLIA”. Algumas crianças ficaram relutantes em falar sobre sua família, pois achavam que por não morar com o pai, ou por não ter irmãos, ou por ter irmãs que não moravam com eles, e outras situações, não faziam parte de uma família. Novamente foi solicitada ajuda à família. As crianças desenharam juntamente com os familiares cada membro com o nome. Foi feita uma roda de conversa, em que cada um mostrou o seu desenho e falou sobre a sua família, procurando valorizar as pessoas e reconhecendo as diversas estruturas familiares. Cada criança desenhou agora, a seu modo, a sua família, com alegria por fazer parte dela. Foi ressaltado que, quando o Fofinho for visitar a criança, ela deverá tratá-lo com muito cuidado e carinho, pois, naquele momento, estará sendo cuidado por sua família. A pergunta seguinte foi “onde o Fofinho vai ficar quando não estiver na nossa casa”? Temos que fazer uma casa pra ele”. Começou aí o trabalho com o terceiro direito “TODA CRIANÇA TEM DIREITO DE TER UM LUGAR PARA MORAR”. Novamente, surgiu a oportunidade de trabalharmos juntos. As crianças decidiram que a casa seria colorida, em uma caixa de papelão retangular que estava na sala sem uso, e teria uma janela. A atividade foi feita fora da sala, em grupos, pintaram folhas de sulfite com diversas cores e depois de secas foram cortadas e coladas na caixa, como se fossem tijolos. As crianças tiveram a oportunidade de falar sobre suas casas e percebeu-se que alguns deles, ao notarem que o colega falava que sua casa era grande, copiavam o discurso. A família foi novamente solicitada. Em uma atividade, desenharam com a família sua casa, indicando o material de que era feito. Foi feito um passeio para observar as casas ao redor da Escola, cada criança apontando detalhes de cada uma. Ao voltar para a sala, a conversa foi direcionada para o fato de que não importa se a casa é grande ou pequena, de madeira ou alvenaria, mas sim que abrigue as pessoas que nela vivem. Tiveram então a chance de observar por meio de fotos encontradas nos livros os diversos tipos de moradia: palafitas, ocas, prédios. Para finalizar essa parte, escolheram, entre vários modelos de dobradura, um que representasse a sua casa. A cada direito trabalhado, as crianças absorviam o Fofinho como um membro da classe, e ficava cada vez mais concreta a possibilidade dele visitar as famílias. As crianças já começavam a perguntar quando seria a sua vez de levá-lo para casa. Foi necessário abrir uma conversa sobre os cuidados a serem tomados com ele, que precisaria participar de todos os momentos em família até na hora das refeições, mas que não poderia comer a comida que as crianças comem. O que ele comeria então? Foi feita a proposta de criar uma comida para ele. As crianças ilustraram uma caixinha para ser a ração dele e dentro cada uma pôs bolinhas de papel crepom com cores diferentes, mas antes de colocar fecharam os olhos e, através da imaginação, depositaram muito amor e carinho na comida do cão Fofinho. Quatro cores de papel foram utilizadas, cada uma representando um nutriente necessário para que ele ficasse bem alimentado. Conversou-se sobre o que é ter uma boa alimentação e surgiu então mais um direito “TODA CRIANÇA TEM DIREITO A UMA BOA ALIMENTAÇÃO”. As crianças salientaram que boa alimentação é comer “de tudo”, especificando frutas, verduras e legumes, mas a maioria delas disse que não gosta dessas coisas, tanto que apontaram alguns lanches da Escola em que esses elementos estão presentes como os que menos gostavam. Através de desenho, registraram o que costumavam comer nas quatro refeições do dia: café da manhã, lanche, almoço e jantar, fazendo a escrita espontânea para cada um dos pratos desenhados. Foi pedido às famílias que escolhessem, em conjunto com as crianças, sua receita favorita para que pudesse contar aos colegas. De todas, uma foi escolhida para ser feita na sala. A mais votada foi pizza. Primeiro lavaram as

mãos, colocaram o molho, recheio, queijo e levaram ao forno da cozinha da Escola para assar. Enquanto esperavam ansiosos, conversaram sobre o modo de fazer, trabalhou-se o gênero textual “receita”, e também foram abordados temas sobre comer o que não se gosta porque precisa. Chegaram então à conclusão de que deveriam incluir em seu cardápio essas comidas para serem saudáveis. A pizza ficou pronta e todos saborearam alegres, porque foram eles que fizeram.

A conversa foi então para o lado da saúde, contemplando mais um direito “TODA CRIANÇA TEM DIREITO A UMA BOA SAÚDE”. Além da alimentação, foram sugeridos também os cuidados médicos, a atenção para as doenças e a prevenção, chegando à carteira de vacinação. Cada família enviou então a fotocópia da carteira de vacinação. Havia acontecido, recentemente, a campanha contra a poliomielite e, como grande parte das crianças estavam com quatro ou cinco anos, tomaram a vacina e estavam familiarizados com o termo e o procedimento da “vacina de gotinha”.

Como o conceito do que é vacina é muito específico, convidamos duas pessoas da unidade de saúde para conversar com as crianças. A palestra foi curta, durou uns vinte minutos, mas de muito proveito. Os agentes da unidade de saúde (um técnico em enfermagem e uma enfermeira), explicaram em linguagem clara e simples o que é vacina e que podem ser gotinhas ou com injeção, mas que a “agulha da injeção da vacina é pequena, não causa muita dor e que é melhor levar uma picadinha do que não tomar a vacina e ficar doente, internado no hospital” (Luiz Felipe, quatro anos). As crianças entenderam a mensagem. Foi proposta então a criação de um texto coletivo sobre essa experiência e confeccionada uma carteira de vacinação para a nossa mascote.

As crianças fizeram individualmente, através de desenho, o que mais era necessário para ter boa saúde: higiene, boa alimentação, e se agasalhar no inverno foram algumas respostas que surgiram. O próximo direito trabalhado foi “TODA CRIANÇA TEM DIREITO DE IR À ESCOLA”, cuja discussão inicial girou em torno do questionamento das crianças que queriam saber quanto tempo poderiam ficar com a mascote em casa. Conversou-se sobre as faltas, que as crianças não poderiam faltar, e que isso prejudica a aprendizagem além de ficarem longe dos colegas. Houve a resolução de que quem levasse o Fofinho deveria trazê-lo no dia seguinte para assistir à aula, um direito dele. As crianças pensaram no que mais gostavam e não gostavam na Escola e uma de cada vez foi contar aos colegas sua opinião. Coletivamente sugeriram melhorias para os pontos considerados negativos: para o lanche, quando fosse maçã, sugeriram que o colega que não gosta comesse só a metade, pois faz bem para a saúde; para quem não gostava do futebol na hora do recreio, sugeriram brincar de pular corda ou outras brincadeiras; uma colega disse que não gostava de pular corda porque não sabia e outros se prontificaram em ajudá-la. Assim várias ideias foram surgindo e culminaram no texto coletivo “NOSSA ESCOLA”. Individualmente, cada criança desenhou o que gostava e o que não gostava na Escola. Enquanto se falava no assunto “escola”, um aluno desenhou uma roda gigante. Então, os colegas perguntaram a ele: - Na escola nem tem roda gigante, porque você desenhou? Então ele respondeu: - Eu gosto da roda gigante do parque que eu fui com meu pai, quando não estava na Escola” (Joás, quatro anos). As crianças se animaram a contar onde tinham ido quando não estavam no colégio, surgindo a possibilidade de trabalhar outro direito “TODA CRIANÇA TEM DIREITO AO LAZER”. Primeiro foi definido o sentido da palavra lazer, outra vez com o auxílio do dicionário “descanso, divertimento, passeio” (BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; DICIONÁRIO ILUSTRADO DA LÍNGUA PORTUGUESA, PG181, 2004). Em duplas, contaram aos colegas o que faziam em seus momentos de lazer, depois cada criança escolheu o que mais gostava de fazer e contou para a turma toda. As crianças tiveram a oportunidade de brincar no parque da Escola, levando a mascote e cuidando dela. Para o dia seguinte, cada um trouxe o brinquedo que mais gostava para compartilhar com os colegas e brincarem juntos. Na produção individual, desenharam quatro brinquedos que mais gostavam e fizeram escrita espontânea e depois, com a técnica do giz molhado sobre o papel camurça, desenharam o que mais gostam de fazer. Como estavam chegando as férias, seu início foi marcado no calendário e todos disseram o que gostariam de

fazer durante as mesmas para contar aos colegas quando retornassem. O último direito a ser trabalhado foi “TODA CRIANÇA TEM DIREITO AO AMOR E PROTEÇÃO”. As crianças já sabiam o que era ter direitos e então a professora lançou essa frase e deixou que falassem o que pensavam sobre ela. Chegaram à conclusão de que se todos os direitos anteriores fossem respeitados esse último estava cumprido. Tiveram a oportunidade de falar como poderiam demonstrar amor e proteção à mascote quando fosse visitá-los. Foi tirada uma foto de cada criança com o cão Fofinho no colo e depois colada em um coração. Oito dessas atividades, de cada criança, foram selecionadas e houve a montagem de um livro: “Direitos da Criança”, que leva na capa o nome e a foto de seu autor. Será apresentado na mostra de atividades da Escola juntamente com outros trabalhos. A próxima etapa será a visita da mascote à casa dos alunos, em dois momentos, como já explicados anteriormente. Enquanto estiver visitando as casas, outros conteúdos serão trabalhados, como a preparação de uma festa de aniversário.

Durante a redação da certidão de nascimento, as crianças escolheram o dia 08 de outubro para ser a data de aniversário do Fofinho. Durante o mês de setembro, serão feitos os preparativos para a festa. Irá iniciar com o gênero textual lista de palavras, com os itens que precisam ter em uma festa, depois, a escolha de um bolo para ele. As crianças indicarão o sabor e através de votação será escolhido um para ser feito. Essas atividades envolvem a escrita, leitura, será trabalhado novamente o gênero receita. Depois virá o gênero convite, onde os próprios alunos confeccionarão. Esses convites serão para a outra turma de Educação Infantil e também para os pais que quiserem vir. Eles serão convocados a auxiliarem na aquisição dos itens que as crianças escolherão para a festa. Algumas receitas, como gelatina e docinhos que não precisam ir ao fogo, bem como a decoração da sala, terão a participação das crianças. A atividade final será uma exposição na Mostra de Atividades na Escola que acontecerá em novembro, com as crianças mostrando seu trabalho e compartilhando com os colegas as lições aprendidas. Para o evento confeccionarão um folheto com os direitos básicos escritos e ilustrados por eles, que serão distribuídos.

RESULTADOS OBTIDOS

Após o início do projeto, já foi possível perceber o interesse dos alunos pela atividade que aconteceria no dia seguinte. Seu interesse pelas aulas aumentou e a cada dia absorviam melhor os conceitos compartilhados em sala. A participação das famílias aumentou, o número de crianças que não participava da realização das tarefas de casa diminuiu consideravelmente. As crianças passaram a observar nas próprias ações cotidianas alguns de seus direitos sendo empregados, respeitados (hora do lanche, participação nas atividades na escola, durante a chamada já identificavam seu sobrenome) e comentavam uns com os outros. A responsabilidade dos alunos junto às tarefas propostas também teve aumento significativo: já não esqueciam mais seus deveres de casa, lembravam a família e cobravam a realização conjunta dos mesmos.

O gosto pelas atividades foi aumentado, pois, ao reconhecerem que estavam sendo propostas ações em que estavam conceitos ouvidos diariamente, seu conhecimento também foi melhorando, como a aprendizagem de novas letras, palavras e também a tentativa de escrever e ler sobre o que haviam aprendido tendo um avanço significativo em seu desenvolvimento acadêmico. Enfim, o melhor resultado foi mesmo o conhecimento que as crianças adquiriram sobre os seus direitos, possibilitando terem voz ativa para que sejam respeitados, ganhando o apoio das famílias que estarão atentas a outras crianças que têm seus direitos violados, auxiliando e até mesmo denunciando aos órgãos competentes.

AVALIAÇÃO

A avaliação durante todo o processo foi continuada, com a aprendizagem dos conceitos demonstrada através de produções em desenho, escrita (individual e coletiva), colagem, discursos e retorno verbal dos pais. Também foi utilizada a observação cotidiana das ações e conversas dos alunos entre si e também com os pais e outros funcionários da Escola. Revendo cada um desses pontos, pode-se dizer que houve um alto alcance dos objetivos

propostos para esse projeto, podendo assim ser esperado também um excelente retorno para a segunda parte do mesmo. Espera-se que a conclusão seja proveitosa para famílias, professores e alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; DICIONÁRIO ILUSTRADO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2004
- CALDAS AULETE: dicionário escolar da Língua Portuguesa ilustrado com a turma do Sítio do Pica-pau Amarelo, 2005)
- Estatuto da Criança e do Adolescente (www.presidencia.gov.br)
- GAMA KURY minidicionário
- Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba – vol. 2- Ed. Infantil
- www.wikipedia.org
- <http://educaçao.aaldeia.net/imaginacao-criancas/>
- <http://portaldovoluntario.org.br>
- OUTRAS INFORMAÇÕES: O trabalho foi publicado no portal da escola www.cidadedoconhecimento.org.br/escola/mariaaienkotzeglin